

JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina

JOURNALISME ET SOCIAL ENGAGEMENT : l'art du dialogue et de voix pluriels dans Cremilda Medina

ENTREVISTA | INTERVIEW | ENTREVISTA

Cremilda MEDINA | Universidade de São Paulo | Brasil

Resumo

Em entrevista concedida à pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, editora convidada da revista Âncora, Cremilda Medina faz um resgate à própria trajetória e mostra como os dispositivos midiáticos podem se somar às formas de apuração clássicas, possibilitando um diálogo fluente que produza sentidos, fazendo aflorar o que temos de mais vivo na memória, possibilitando a abertura de novas perspectivas. Otimista, a jornalista, professora e pesquisadora Cremilda Medina deixa entrever que nem tudo está perdido para o jornalismo, tampouco para as pessoas na rotina cotidiana, apesar do caos que vivemos na realidade contemporânea. Uma entrevista que nos leva a crer que podemos viver de modo mais integrado, mais compartilhado. Com ou sem as máquinas.

Resumé

Dans un entretien avec la chercheur Ana Lúcia Medeiros, éditrice invitée de la revue Âncora dans ce numéro, Cremilda Medina parle de sa trajectoire et montre comment les dispositifs médiatiques peuvent ajouter aux formules de calcul classique, ce qui permet une dialogue fluide qui produit le sens, faire toucher sur ce que nous sommes plus vivantes dans la mémoire, en ouvrant de nouvelles perspectives. Optimiste, la journaliste, professeure et chercheur Cremilda Medina laisse entrevoir que tout n'est pas perdu pour le journalisme, soit pour les gens dans la routine quotidienne, malgré le chaos dans lequel nous nous réunissons dans la réalité contemporaine. Une entretien qui nous porte à croire que nous pouvons vivre dans une façon plus intégrée et plus partagée. Avec ou sans les machines.

Palavras-chave:

Jornalismo; Compromisso social; Dispositivos Midiáticos; Entrevista Cremilda Medina.

Mots Clés:

Journalisme; Compromiss Sociel; Dispositifs Médiatiques; Entretien Cremilda Medina.

ENTREVISTA REALIZADA EM 10 DE OUTUBRO DE 2017
APROVADA EM 20 DE OUTUBRO DE 2017

ENTREVISTA

Jornalista, Livre-docente pela Universidade de São Paulo, doutora e mestre em Ciências da Comunicação (USP), pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP). Atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Seu trabalho como educadora traz para a Comunicação Social e para o Jornalismo os desafios paradigmáticos do Saber Plural; a perspectiva do ato presencial, da abertura à complexidade, do signo da relação e da pedagogia dos afetos; e o eixo central do Diálogo Social, principalmente, na teoria e prática da reportagem (narrativas da contemporaneidade). É líder do grupo de pesquisa "Epistemologia do Diálogo Social" (epistemologiadialogosocial.wordpress.com).



Foto: Divulgação

É possível ter uma ponta de otimismo quando tudo parece desandar à nossa volta? Para Cremilda Medina a resposta é "sim!". E é certamente essa alegria diante da vida que faz a escritora, jornalista e pesquisadora não parar de se reinventar. Aposentada, dá aulas, dedica tempo a encontros com ex-alunos que faz questão de ter por perto, mesmo aqueles que estão do outro lado do mundo. Escreve, escreve, escreve. Faz disso uma arte diária. Sozinha, em parceria.

Nesta edição, Âncora presenteia o leitor com as palavras de motivação de Medina, que acaba de lançar mais um livro: *A arte de tecer afetos: Signo da relação 2 – cotidianos*, que se soma a tantas outras obras que fazem parte de uma trajetória construída já a partir dos anos 1960, quando ia dar aula em colégio do interior do Rio Grande do Sul, onde despertou o entusiasmo de algumas de suas alunas pela profissão jornalística. Uma delas, inclusive, enfrentou a ditadura e, exilada, foi correspondente de jornal brasileiro na França, sempre com o apoio da professora do colégio de freiras.

Na Universidade de São Paulo, inspirada no exemplo de João do Rio (lá do início do século XX), ou em Nelson Rodrigues, crítico ferrenho dos "idiotas

da objetividade” (os *copy desks* – integrando as Redações dos anos 1950 à objetividade jornalística), Cremilda Medina despertou nos alunos de jornalismo a curiosidade por personagens anônimos, por histórias que atravessam muros, desafiam padrões preestabelecidos. Com caneta e papel na mão, movidos pelo desejo de conhecer o novo, os estudantes descobriam cenas inusitadas e, sem perder de vista a pauta que os levava àqueles endereços, exploravam exaustivamente o que a rua oferecia para além da Oscar Freire ou da Avenida Paulista, apresentando aos leitores um perfil de cidade desenhado a partir de narrativas humanizadas.

Em Brasília, Cremilda Medina foi ver com mestrandos em Comunicação quais as possíveis narrativas que o céu aberto do Planalto Central poderia oferecer. Com olhar curioso, os jornalistas de tantas cidades, morando na capital do país, queriam descobrir a saga das culturas, o encantamento das histórias humanas, os afetos, desafetos, dúvidas e exclamações que movem a cidade. De um lugar complexo, desafiador, surgiram narrativas geradas na compreensão do cotidiano a partir de uma escuta solidária capaz de captar falares anônimos da nova cidadania. Da professora ouviram a sugestão de contextualizar tão bem os fatos que a captura de imagens fosse mesmo desnecessária, possibilitado ao leitor o compartilhamento da construção das imagens pautadas na vivacidade da rotina da capital.

Essas e outras experiências em cidades brasileiras fizeram Cremilda Medina ir desbravando culturas pela observação atenta e sensível dos fatos, produzindo sentidos ao, literalmente, usar os cinco sentidos na produção de narrativas jornalísticas, privilegiando o compromisso social.

Jornalista inquieta que é, aproveitou uma viagem aos países de língua portuguesa, nos anos 1980, para conversar com jornalistas e escritores. Dos encontros com nomes como Pepetela, Mia Couto, Albino Magaia, Marcelino dos Santos resgatou histórias que deram vida ao antológico “Sonha Mamana África”. Em mais de 500 páginas, essa obra que representa mais um encontro entre jornalismo e literatura traz relatos fortes e poéticos de realidades vividas em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo verde, Guiné-Bissau. Uma obra de coleta das literaturas em língua portuguesa (antes da África, andou por Portugal e Brasil) que tem para Cremilda Medina um significado especial, pois representa um retorno à casa (sim, Cremilda nasceu em Portugal – veio para o Brasil aos onze anos, assumindo de vez o país como seu novo lar). Com essa viagem, a portuguesa/brasileira reaviva a memória, seguindo a ideia de sua amiga, Ecléa Bosi (morta em 2017), que havia registrado no clássico

Memória e Sociedade: lembranças de Velhos (1979), que “a linguagem é o elemento socializador da memória”.

No além-mar, no Brasil, na Viagem sem limites, na relação com seus eternos alunos, na rua, onde quer que esteja, Cremilda Medina vai em busca do diálogo possível. Vai sempre articular vozes, valores ou comportamentos diversos. E não importa se no processo existem máquinas.

A conversa com Âncora, embora mantida a distância (por email) é compartilhada pelo desejo mútuo do exercício de uma entrevista plural, pela pretensão de dar um tom de leveza e esperança aos leitores, num momento em que o jornalismo precisa passar por processos de reinvenção, quando todos estamos inseridos em um contexto onde tudo parece desandar.

Na tentativa de adoção de um comportamento dialógico, esperamos provocar com a fala de Cremilda Medina algo de motivador no leitor. Vejamos o que ela tem a nos contar:

ÂNCORA

A narrativa jornalística contemporânea que você defende tem como uma das principais características o encantamento do repórter pelas histórias humanas, pela escuta solidária, que expressam a relação sensível com o entrevistado, com os fatos. Na atualidade, você encontraria trabalhos jornalísticos sintonizados com essa perspectiva?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Dedico-me, no projeto pedagógico acadêmico, a laboratórios que motivem a construção de Autoria nas mediações sociais das Narrativas da Contemporaneidade. Ainda que esses laboratórios tenham um acento epistemológico e não simplesmente técnico ou tecnológico como em geral acontece com autores, na comunicação social, que aparecem com alguma frequência tanto nas mídias nacionais quanto nas internacionais. Cultivo com admiração e afeto sobretudo de ex-alunos da minha longa trajetória (a partir dos anos 1960) de convívio com gerações, ex-alunos esses que se fazem representar por meio de assinaturas diferenciadas. Coleciono, em meus arquivos, narrativas de autoria ética, técnica e estética. (Seria precário nomear, pois certamente incorreria em lapsos).



Na sua obra clássica, *A arte de tecer o presente*, você traz contribuições fundamentais para reflexões sobre o jornalismo. A partir dessas contribuições, como conceituar a narrativa do cotidiano?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O eixo principal de *A arte de tecer o presente* (1973) se estende até hoje: expressa o compromisso social do jornalista ou do comunicador, a abertura sensível de estar afeto a. Ora, essa opção ética desafia o deslocamento de acontecimentos oficiais e de fontes igualmente oficiais ou de grupos organizados para os sujeitos sociais anônimos e suas experiências no cotidiano. Esta ação solidária saiu do plano teórico para ser posta em prática na coleção que organizei com alunos de graduação e de Terceira Idade na USP e em outras universidades (UnB e Federal da Bahia), além de instâncias de cultura municipal no Estado de São Paulo. É o caso da coleção São Paulo de Perfil que testemunha, em 27 livros, essa inflexão para a saga cotidiana dos anônimos. Uma experiência que consta de três teses acadêmicas e capítulos de livros ou artigos por mim produzidos.



No contexto atual, você considera que a mídia tradicional pode responder ao desafio de construir uma narrativa de valorização do protagonismo social (que dá voz a quem está nas ruas) em contraposição às vozes especializadas (as vozes oficiais)?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

“Nos deparamos com um déficit recorrente na história do jornalismo”.

Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O desafio de articular nexos simbólicos do protagonismo social é hoje tão acentuado com as redes sociais, quanto era para o repórter do início do século XX quando João do Rio encontrou a voz das ruas, abdicando de sua opinião circunscrita ao ambiente fechado das redações. Autores capazes de “armarem”

significados coletivos em meio a todas as contradições e ao pluralismo das sociedades contemporâneas não surgem de facilitismos tecnológicos e sim da visão de mundo compreensiva, da complexa apuração informativa e do comportamento dialógico. Portanto, nos deparamos com um déficit recorrente na história do jornalismo.



Como pensar, então, o sujeito jornalista em um cenário comunicacional pautado pelas tecnologias? É possível pensar na relação humanizada sujeito (entrevistado)/sujeito (entrevistador) mediada pelas tecnologias?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Volto ao laboratório epistemológico: razão complexa, sensibilidade solidária e estética transformadora. Não há adjetivos que dispensem a carga substantiva das narrativas da contemporaneidade – a Dialogia. Um laboratório doloroso, diria, que exige mudanças na racionalidade reducionista, na opacidade sensível com que se circula no mundo ou se estratificam ideias atrás de uma máquina, bem como na comodidade da gramática ortodoxa (manuais) da expressão.



Em diálogo com a questão anterior, observamos que a experiência da entrevista jornalística na atualidade muitas vezes ocorre no contexto de uma produção em que a distância física torna-se um fator a ser considerado no processo de apuração. Diante dessa realidade, que desafios se apresentam para o jornalista da contemporaneidade na construção de uma narrativa plural? Você vê possibilidade de um “diálogo possível” numa entrevista a distância?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A entrevista carrega em si vícios de origem que tendem a negar o diálogo possível e torná-la uma técnica autoritária, tanto no Jornalismo como nas Ciências Sociais ou no consultório médico. Mesmo que se desconstrua esse dirigismo da Pergunta e Resposta, ainda sim a entrevista – seja presencial, seja digital – permanece limitada ao código linguístico relatorial ou científico. Não cria, no código linguístico, a expressão poética, presente

na literatura. Dos anos 1970 em diante ensaio acrescentar, com os grupos de pesquisa que me são afins, a experiência da observação e a presença dos cinco sentidos em ação no ato de reportar o acontecimento real. Então se rompem os limites relatoriais da entrevista e se avança na prática de uma narrativa de autor. É o que temos nomeado observação-experiência, que se realiza em Ato Presencial, impregnado de todos os sentidos.



A vivência como editora de cadernos especiais de jornais impressos e também como coordenadora de equipes de jornalistas de TV possibilitou o exercício de um jornalismo plural em toda a sua trajetória como jornalista. Que barreiras poderíamos dizer que essa prática de um jornalismo plural encontraria na contemporaneidade?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O jornalismo de polifonia e polissemia está na relação direta de um mediador-autor que cria significados para o acontecimento contemporâneo em meio à inércia da simples e reduzida administração dos sentidos vigentes, oficiais ou ideológicos. Esse é um desafio que se vivia na fase da censura, da autocensura, do sistema autoritário ou ditadura. Mas na democracia não desaparece essa mesma inércia e a produção simbólica só atinge a renovação e reestruturação dos significados, se a autoria não se acomoda ou se conforma no lugar puramente técnico ou tecnológico. Assim, na produção industrial, pós-industrial ou digital, o laboratório epistemológico permanece primordial para um jornalismo de complexidade plural, capaz de articular vozes, valores ou comportamentos na diversidade em que se apresentam nas sociedades”.

Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

acomoda ou se conforma no lugar puramente técnico ou tecnológico. Assim, na produção industrial, pós-industrial ou digital, o laboratório epistemológico permanece primordial para um jornalismo de complexidade plural, capaz de articular vozes, valores ou comportamentos na diversidade em que se apresentam nas sociedades.

ÂNCORA

De que modo a compreensão que um jornalista tenha de uma entrevista em profundidade, própria da pesquisa científica, contribui para que a rotina profissional possibilite o aprofundamento, a adoção do cuidado com a preparação de perguntas que possibilitem um diálogo sensível e inteligente entre jornalista e fonte?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A entrevista em profundidade pode dar conta do universo de ideias, mas não é capaz de atravessar esse mundo conceitual para encontrar a história de vida e os cotidianos da cidadania, muito menos a experiência dos anônimos e dos excluídos. Para chegar aos protagonistas e seu contexto social, precisamos de outro aparato de aproximação, que chamo observação-experiência. O encontro dialógico também traz à escrita (não importa em que suporte) a fala viva da língua, essa que está presente na poética e não no código racional/conceitual. A narrativa autoral busca então a criação de narrador ou narradores para compor a cena coletiva de ação, pinceladas de intuições sintéticas e ideias abertas. De qualquer forma, esse trabalho de campo – o exercício da reportagem – exige preparo anterior, disponibilidade e encantamento para o signo da relação e sensibilidade criativa para a edição.

ÂNCORA

Tobias Peucer, já em 1690, aponta dilemas clássicos do Jornalismo. Verificou, por exemplo, a falta de confiança dos historiadores nos jornais como fonte de informação. Na atualidade, seria possível perceber no agendamento midiático a credibilidade necessária como fonte de pesquisa?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Narrativas autorais do jornalismo sempre serão inspiradoras para os vários campos da ciência, além da história. Recentemente um trabalho de conclusão de curso de uma orientanda ensaiou compreender o universo dos doadores de órgãos. O TCC foi defendido perante a presença de um médico especialista na banca. Além de uma interlocução gratificante, a proposta da jovem jornalista foi apontada pelo examinador como um

material que em muito ajudaria sua equipe médica na compreensão dos dilemas familiares e das questões jurídicas. Teria vários exemplos, inclusive de reportagens por mim assinadas, em que se manifesta uma repercussão solidária entre o esforço de reportar os grandes e pequenos temas da vivência contemporânea e os cientistas, historiadores entre eles, que pesquisam a médio e longo prazo as mesmas pautas. Mais uma vez insisto: não se trata das rotinas jornalísticas, mas de jornalistas que atravessam teoria e prática e expressam a assinatura da voz coletiva. Criadores como qualquer outro profissional em busca do conhecimento e transformação do Real.



Em época de proliferação de notícias falsas, sobretudo via redes sociais, há espaço para a produção de uma narrativa jornalística que privilegie a apuração atenta e cuidadosa, possibilitando a pluralidade de informações, gerando efeito de sentido que permita a difusão bem contextualizada do acontecimento? Ou será que a mídia tradicional também alimenta, com sua cobertura apressada, o fenômeno das notícias falsas?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

As notícias falsas e sua especial proliferação na internet representam não um fenômeno novo, mas quantitativamente expressivo devido à aceleração de tempo e estreitamento de espaço das tecnologias. Mais um dos desafios que exigem a mediação social de autor que, rigorosamente, possa perseguir versões mais ou menos próximas dos significados coletivos. Nessa guerra simbólica, vale, mais do que nunca, a afirmação contínua do profissional da comunicação social e seu aperfeiçoamento na História.

“As notícias falsas e sua especial proliferação na internet representam não um fenômeno novo, mas quantitativamente expressivo devido à aceleração de tempo e estreitamento de espaço das tecnologias”.

Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil



Em diversos de seus projetos, o jornalista e a rua andam juntos na produção do acontecimento, numa escuta ativa e criativa. São dezenas de livros que retratam isso. Na atualidade, está faltando rua na prática dos jornalistas?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Sim, falta rua na vida dos comunicadores. Afinal, a rua não entra nos ambientes fechados e eletrônicos com seus cheiros, paladares, gestos, palavras poéticas e escutas desarmadas ou olhares coletivos e contraditórios. Os cinco sentidos, repito, que dão o sinal inteligente para a captação do real, ainda não passam pelas máquinas.



Na contemporaneidade, o jornalista vive o dilema da precarização do seu trabalho. Ele limita-se às instituições jornalísticas e aferra-se a elas como um espaço privilegiado de trabalho. Com a diversidade de dispositivos midiáticos que aí estão, você acha que seria este o momento de os profissionais buscarem modos alternativos de criar a própria história, fugindo das gramáticas ditadas pela mídia tradicional, construindo um jornalismo que protagonize narrativas plurais?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A partir dos anos 1990, na USP, observei alunos de graduação que já apontavam para uma mutação significativa: em lugar de pretenderem ir trabalhar nas grandes empresas, se voltavam para criar frentes autônomas. E isso se confirmou no novo século. Também no conjunto de edições inter e transdisciplinares do Projeto Plural (que surgiu em 1990 com o título “A fragmentação da ciência e a crise de paradigmas”), o volume 4º da série Novo Pacto da Ciência, de 1995, anunciava, de maneira geral, a crise do emprego e essas novas constelações, daí o título – Sobre Vivências, no mundo do trabalho. Não quero com isso dizer que o mercado tradicional do jornalista desaparecerá, mas ele se torna mais complexo e diversificado para as opções dos novos profissionais.



Você considera que a formação universitária tem contribuído para a constituição de uma visão de mundo humanizada e cidadã do sujeito jornalista com competências para ouvir, permitindo as falas dos seus interlocutores no processo de produção da notícia?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Serei sucinta: se não concebesse a importância da pesquisa e aperfeiçoamento a vida inteira, não estaria na luta, mesmo após a aposentadoria.



A trajetória de Cremilda Medina envolve múltiplas atividades como pesquisadora, intelectual, docente (com vasta produção reflexiva sobre o jornalismo), além de relevante atuação como jornalista em grandes veículos de comunicação do país. Você diria que os dilemas da profissão discutidos hoje também estavam presentes naquela época? Considera que conseguiu realizar, na prática, a escuta atenta, o diálogo possível, premissas de suas reflexões?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Os dilemas que percebo e sinto a vida inteira fazem parte da resistência cultural. Me formei em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e meu diploma é portador de uma data: 31 de março de 1964. Assim, não conheço outra vida.



Estamos caminhando para novos desenvolvimentos na área da comunicação e da informação, que impactarão sobremaneira o campo jornalístico. Robôs já podem fazer cobertura, narrativa textual, ao lado dos drones, que capturam imagens de alta

qualidade. Qual será o lugar do jornalista clássico, do narrador do presente nesse cenário?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

No início da informatização, li em um texto de Melvin Konner, um antropólogo norte-americano, um diagnóstico decisivo: o dia em que o computador sentir dores de parto, a inteligência artificial superará a natural. Que eu saiba, ainda não chegamos lá.

ÂNCORA

Em 2017, você foi a homenageada do SBPJOR e ali fez uma espécie de recuperação da sua trajetória como jornalista, ativista, docente. E os projetos de Cremilda Medina a curto e médio prazo? Fale um pouco da sua produção para além do jornalismo e da formação universitária.



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Nesta etapa etária em que se vive o lucro de estar viva, o cotidiano dos que me são afetos, como familiares e amigos, me dá âncoras de significado. Viagens, que sempre foi minha sina, já me cansam um pouco por conta dos aeroportos e aviões superlotados. E o que permanece sempre à tona: a fruição da arte – cinema, literatura, música, artes plásticas etc. Estou presa ao Gesto da Arte, até mesmo porque vivo há 57 anos com um escritor ao lado, o que me deu o sobrenome, Sinval Medina.

ÂNCORA

Mesmo após a aposentadoria, você continua exercendo as atividades de jornalista, pesquisadora e escritora. Acabou de lançar mais um livro. Como está sendo esta nova fase, em que você resgata o signo da relação sob uma nova perspectiva?



Cremilda MEDINA

Universidade de São Paulo | Brasil

Me sinto em um processo recorrente: futuro interrogante, memória aliciante e presente incompleto. Acordo e vou à luta. Uma constante, enquanto a vida permitir: ainda não me percebo desafeta ao mundo. Afeta e afetada por heróis e anti-heróis, a aventura humana – trágica ou lúdica – me dá sustento diário. Sofro, obsessivamente, de um certo otimismo quando tudo parece estar desandando à minha volta...

Obras Citadas na ENTREVISTA

- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: lembranças de Velhos**. São Paulo: Edusp, 1979.
- KONNER, Melvin. **WHY THE RECKLESS SURVIVE...and other secrets of human nature**. Paperback – July 1, 1991.
- MEDINA, Cremilda. **A ARTE DE TECER AFETOS: Signo da relação 2 – cotidianos**. São Paulo: Casa da Setta, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **SONHA MAMANA ÁFRICA**. São Paulo: Ed. Epopéia/Sec. de Est. da Cultura, SP, 1981.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A ARTE DE TECER O PRESENTE**. São Paulo: Média, 1973.
- MEDINA, Cremilda. **NOVO PACTO DA CIÊNCIA 4 - Sobrevivências no mundo do Trabalho**. São Paulo: ECA/USP, 1995.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. In: **REVISTA COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE**. São Paulo/SBCampo: Umesp. 2000. n. 33, p. 14 -15
- RODRIGUES, Nelson. Os idiotas da objetividade in **O HOMEM FATAL**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/os-idiotas-da-objetividade-nelson-rodrigues> >. Acesso em 19 outubro 2017.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

- MEDINA, Cremilda. **A ARTE DE TECER AFETOS: signo da relação 2 – cotidianos**. São Paulo: Casa da Setta, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **ATRAVESSAGEM: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **ENTREVISTA – O diálogo possível**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **CIÊNCIA E JORNALISMO: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **O SIGNO DA RELAÇÃO – Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDINA, Cremilda (org.). **NARRATIVAS A CÉU ABERTO – modos de ver e viver** Brasília. Brasília: Editora UnB, 1998.
- MEDINA, Cremilda. **NOTÍCIA - UM PRODUTO À VENDA: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

